

Hoje, atuando na Procuradoria Especial da Mulher, trabalha com projetos de autonomia financeira, empreendedorismo feminino e preservação contra a violência doméstica. E é a primeira graduada, mestre, doutora e consultora legislativa da família.

Superação

Lucas Macedo tinha três anos quando a casa em que morava pegou fogo. Nascido na zona rural da Bahia, em uma região sem energia elétrica, uma troca de botijão na cozinha deixou os primeiros marcos na vida.

A mãe sempre dizia que estudar era o único atalho, “o equivalente a caminhar quilômetros até o ponto em que, talvez, passasse um carro”. Por necessidade, de 2011 até 2020, trabalhou em um posto de gasolina. O até então frentista levava uma rotina exaustiva.

Mas Macedo nunca foi de desistir. Concursos públicos viraram o foco. Mas o inusitado ocorreu. No início da jornada como concurseiro, esqueceu-se de copiar a frase obrigatória da capa da prova, e, apesar de ter se saído bem, a nota não foi computada.

O descuido, porém, não o desmotivou. Percebeu que a disciplina era a chave para o sucesso. Em dias úteis, ao chegar do trabalho, tomava banho, jantava e estudava de 21h até 0h. Nas folgas, o esforço continuava. Começava às 8h e finalizava de madrugada. Nem os horários de almoço escapavam. Comia rápido e colocava videoaulas em velocidade acelerada e captava o máximo.

Apesar do esforço, oportunidades foram deixadas pela falta de dinheiro. Sabendo da dificuldade, com 15 dias para a prova do Tribunal Regional Eleitoral do Pará (TRE-PA), em Belém, o colega Miquéias apostou no amigo. Conseguiu um cartão e parcelou os custos.

Após a espera, lá estava o nome de Macedo em 2º lugar das cotas raciais e em 34º na ampla concorrência. Hoje, Macedo é técnico do Tribunal Regional Eleitoral no interior do Pará. Com a graduação pela Gran Faculdade, o servidor já mira em concursos de nível superior.

Foco

Márcia Teixeira aprendeu, desde cedo, que era preciso lutar e ter coragem para alcançar os sonhos. Cresceu vendo a mãe trabalhar duro, em uma casa em que faltava, muitas vezes, até comida. Foram as diárias como faxineira e o salário de balconista que passaram a pagar as mensalidades

Fotos: Divulgação



Alexandre Falchi, auditor-fiscal de atividades urbanas do GDF: superação



Ivonete Granjeiro, consultora legislativa na Câmara Legislativa do Distrito Federal



Técnico do Tribunal Regional Eleitoral, Lucas Macedo: ex-frentista de posto de gasolina



Márcia Teixeira, assistente social da Polícia Federal: “Não pare. Comece com o que tiver”

escolares.

Aos 22, veio o casamento, filhos e o curso de pedagogia. Porém, o sonho de se graduar acabou quando a família teve que mudar de estado por conta do trabalho do marido. Quando se aposentou, disse para Teixeira: “Vá atrás do seu sonho”, e, assim, a jornada dos concursos começou.

Escutava videoaulas no

ônibus, ao lado do corredor na pia, deixava materiais plastificados, nas madrugadas segurava o bebê enquanto fazia simulados. Para melhorar o foco, cortou a internet e passou a usar uma revista especializada em concursos para decifrar a linguagem “estranha”.

Logo, o esforço foi recompensado. O nome ficou no topo da lista de aprovados como agente de

pesquisa e mapeamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram quase três anos com o salário que comprava mais livros, cópias e passagens.

Foi, então, que na polícia federal, área administrativa em Cuibá, havia apenas uma vaga. Lugar que Teixeira conquistou. Hoje, com quase 40 e sete filhos, atua como assistente social em Macaé.

A mensagem é clara: “Não pare. Comece onde der, com o que tiver, do jeito que puder”.

Disciplina

Foi na eliminação do Brasil na Copa do Mundo de 2018 que Alexandre Falchi teve uma lesão cerebral que paralisou todo o lado esquerdo do corpo. Dos 26 aos 44 anos, Falchi dedicou a vida lecionando aulas de biologia.

A condição mudou o rumo da vida do amador de tênis e corredor. A incapacidade de fazer atividades básicas também resultou no divórcio e no afastamento das escolas. O que sobrou foram a fisioterapias e videoaulas do Gran para concursos.

Enquanto reaprendia a andar, descobriu as vagas reservadas para pessoas com deficiência em concursos públicos. Estava na hora de recomeçar. Com auxílio de um professor, definiu cronogramas e iniciou os simulados.

Mesmo sendo recusado na primeira tentativa, não desistiu. A área de tecnologia da informação interessar-lhe, e o que mais chamou a atenção, além dos salários melhores, foram os conteúdos das provas, que continham muito mais lógicas que disciplinas jurídicas.

Fez uma graduação curta específica em Tecnologia da Informação (TI) e emendou uma pós-graduação. As reprovações, sempre vistas como motor para continuar. “Se com um ano de estudo fiquei por um triz, (se referindo a prova do Tribunal de Justiça do Distrito Federal) estou no caminho certo”, disse.

Agora, aos 51, é auditor-fiscal de atividades urbanas do Governo do Distrito Federal (GDF), na área ambiental. Afirma que a fórmula mágica se resume em não desistir. “Dias difíceis são inevitáveis. A diferença está no que se faz deles”.

Leia!

Lançado este ano, a obra é 100% filantrópica. O valor arrecadado vendido é doado ao Instituto Sai Pobreza, organização sem fins lucrativos que ajuda crianças vulneráveis a terem materiais escolares de qualidade. Ao comprar o livro, consequentemente fazendo a doação, uma criança consegue receber o material de qualidade equivalente para um bimestre.

Para fazer a compra, acesse a loja social do gran: <https://11nq.com/dBnnn> e garanta o livro pelo valor de R\$ 39,90.

Estagiária sob a supervisão de Ana Sá